

Sinopse

Blém-blém-blém. Os sinos repicam para saudar Nossa Senhora da Glória. Foi das mãos de um santeiro que tudo começou.

Antônio Caminha, com sua hábil sensibilidade, criou uma imagem da santa com a ajuda dos anjos do Senhor. A visão de tal ícone numa ermida atraiu o povo e histórias sobre milagres e graças alcançados criaram um círculo de fiéis. O prestígio desta devoção causou uma doação que ajudou a fundar um templo e uma irmandade.

E foi desta que surgiu uma festa que atraiu o olhar e a fé da Família Real. Enfeites eram postos na igreja nas ruas, enquanto as aias vestiam a Virgem para o início da novena, sob protesto dos reformistas. Baianas, também criticadas, vinham à frente dos cortejos, além dos donos de votos e romeiros, estes em carruagens que tomavam as ruas do Rio.

Destas vinham também os monarcas que ajudavam nas orações e ritos dentro da igreja. Quando os sinos batiam, se retiravam para os salões onde luzes encantavam donzelas e dândis e Suas Majestades puxavam a quadrilha ao som dos músicos e artistas, e ante a visão de esplendorosas damas da corte. No palacete do Bahia tudo era cercado por elegância e luxo.

Paralelo à festa da elite, havia a diversão do povo. Todos desciam a ladeira do outeiro para banquetear-se de quitutes ou comprar lembranças religiosas, enquanto ouviam a música dos barbeiros e as tocatas ao violão. Quem era de santo abria o jogo de búzios ou, junto aos cristãos, ofertava flores para sua senhora.

Blém-blém-blém. Os sinos repicam para saudar a Rainha do Mar. Seja como Iemanjá ou Nossa Senhora, a santa sempre estará nos braços de um povo que alegremente canta: salve Rainha!

Autor do enredo: Erick Araújo

Roteiro

Setor I – Primórdios da devoção

Na segunda metade do século XVII, surge no Rio a figura curiosa de Antônio Caminha. Homem de hábitos e negócios profanos, porém habilidoso como santeiro e ermitão devotado à Nossa Senhora da Glória. Foi da iniciativa dele que a devoção em torno da santa cresceu ao ponto de lhe valer a construção da famosa igreja no outeiro e o surgimento da irmandade.

Comissão de Frente – Santeiros

Integrantes:15

O culto à Nossa Senhora da Glória no Rio data de 1608. Entretanto, foi a partir da chegada de um homem pouco sociável e vestido como São Francisco de Assis que ele realmente cresceu. Antônio Caminha teria se isolado para cultivar a Virgem da Glória e, usando suas habilidades como santeiro, esculpiu a imagem, de coroa, cetro na mão esquerda e o Menino Jesus na direita, que foi posta numa ermida de pau-a-pique no topo do então Morro de Leripe.

Ala 1 (crianças) – Anjos

Há a lenda de que Antônio Caminha não teria esculpido a imagem em tamanho quase real sozinho. Segundo Frei Agostinho de Santa Maria, ele teve a ajuda de dois rapazes que desapareceram após o término do trabalho, fazendo com que pensassem que fossem anjos.

Velha-guarda – Primeiros devotos

Aos poucos, espalharam-se histórias acerca de milagres e graças alcançados por quem teria visitado a ermida. Assim, formou-se em torno da Virgem um círculo de devotos que só aumentou e gerou romarias para pagar promessas.

Ala 2 – Irmandade da Glória

Tamanho era o prestígio da devoção que, em 1699, Cláudio Gurgel do Amaral doou o terreno onde ficava a ermida à irmandade que seria fundada para cuidar do local e erguer uma igreja, em troca do sepultamento seu e de seus descendentes na região. Tal fato propiciou o fortalecimento da devoção e o surgimento da irmandade.

Alegoria 1 – Assunção tropical

A invocação à Nossa Senhora da Glória representa a assunção celestial de Maria, tornando-se rainha do Céu e da Terra. Estando na ermida, alguém realmente devoto da santa poderia vê-la subindo aos céus por entre as palmeiras que balançavam ao vento enquanto os pássaros cantarolavam.

Setor II – Caminho para o outeiro

À medida que a devoção crescia, as autoridades perceberam que esta era um lugar para afirmar seu poder para o povo. Foi assim com a Família Real e os membros da corte, que se empenhavam em funções dentro da irmandade. Em paralelo, o povo louvava a santa a seu modo e comparecia sempre à festa.

Ala 3 – Galhardetes

A festa em si ocorria desde meados do século XVIII, sendo hábito e tradição da população da Glória e do Catete enfeitar as ruas, enquanto a irmandade enfeitaria a igreja.

Galhardetes, bandeiras, folhas aromáticas e colchas de damasco eram elementos comuns do mês de agosto.

Primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira – Família Real

Após a transferência da corte para o Brasil, Dom João VI e a Família Real se aproximaram muito da devoção à Nossa Senhora da Glória. É a partir do rei que cada membro da Casa de Bragança levava seus filhos para serem consagrados no outeiro, além de se usar a festa como forma de aproximação com o povo. Também é dessa ligação que a irmandade se tornou “imperial”.

Ala 4 – Águas límpidas

A irmandade escolhia algumas irmãs ilustres para o compromisso de assear e vestir a imagem de Nossa Senhora, ato de abertura do novenário. Cabia a elas organizarem todo o cerimonial para o ato de banhar a santa em águas limpas, até mesmo chegando a convidar a Princesa Imperial para participar.

Ala 5 (baianas) – Rancho das baianas

A seu modo, a população mais humilde participava das festas e eventos religiosos. Era comum ver nas procissões e romarias do Rio um grupo de baianas, com suas rendas, turbantes e joias, vir a frente dos cortejos. Elas assim o faziam por devoção cristã ou por fé sincrética.

Ala 6 – Paganismo

Para os reformistas da Igreja no século XIX, banhar e vestir a santa e a presença das baianas em seu visual característico representavam um desrespeito e um paganismo moderno. Apesar das críticas, os rituais e a presença das senhoras continuaram a ocorrer.

Ala 7 – Votos

Quando em momentos de aflições e males, os fiéis pediram à santa que intercedesse por eles e lhes trouxesse a paz e a cura. Caso isso ocorresse, eles pagariam promessa na festa e levariam esculturas de cera da parte do corpo que precisava da intercessão divina. Eram os chamados votos.

Ala 8 – Romeiros com velas

No dia 15 de agosto, de todos os cantos do Rio, e até de fora da cidade, devotos se juntavam em oração e romaria, com destino ao outeiro onde se encontrava a imagem de Nossa Senhora. Traziam consigo velas ornadas com fitas, flores de pano ou desenhos.

Alegoria 2 – Romaria das carruagens

Logo nas primeiras horas do dia, carruagens tomavam as ruas da cidade, levando devotos e curiosos de todas as origens e classes sociais. Todos se dirigiam a festa para participar das missas e das diversões posteriores. Dentre eles, estava a Família Real, que se mostrava ao povo e este, aparentemente, se sentia “querido” pelas autoridades. E assim iam as carruagens, por entre enfeites, fitas e velas.

Setor III – A festa dos salões

Com o repicar dos sinos após o *Te Deum*, e desde os tempos de Dom Pedro I, a Família Real se dirigia aos salões de importantes figuras, como a Baronesa de Sorocaba e o Bahia.

Em especial deste último, no seu palacete ricamente enfeitado e radiante das luzes e da pompa do grande baile.

Ala 9 – Te Deum

Antigo hino cristão trinitário que costuma ser entoado durante ocasiões especiais dos ritos da igreja. No contexto da Festa da Glória, ele era realizado com a assistência da Família Real. Ao seu término, os sinos repicavam e salvas de tiros eram disparadas das fortalezas, indicando o início das partes mais festivas.

Ala 10 – Jardim de luzes

Ao sair da igreja, o monarca e sua família seguiam ou para o salão da baronesa de Sorocaba ou para o do Bahia. Estes locais possuíam jardins com radiantes luzes saindo de ricos globos iluminados ou de copinhos, encantando os olhares dos convidados.

Ala 11 (passistas) – Donzelas e dândis

Enquanto aplausos ressoavam com a chegada dos convidados mais importantes, galanteios eram trocados pelos membros da aristocracia. Belas donzelas ouviam os declames de dândis elegantes.

Segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira – Suas Majestades Imperiais

Caso presentes, o imperador e a imperatriz inauguravam o baile honrando a primeira quadrilha. Os membros da corte imitavam o movimento, e assim a festa transcorria em harmonia e encantamento para os presentes.

Ala 12 (bateria) – Músicos de salão

Não se economizava nos gastos com o aparato musical da Festa da Glória. Seja para os atos na igreja ou para as festividades nos salões. Nesse contexto, os músicos tocavam quadrilhas, valsas e demais ritmos populares da época, criando um mundo de fantasia a partir do som.

Ala 13 – Artistas

Auxiliando os músicos, os cantos do Teatro Lírico demonstravam suas habilidades ao entoar cantatas e récitas que se faziam ouvir mesmo debaixo de numerosos e ruidosos aplausos. Por entre cascatas de cores, os artistas faziam valer seu renome nos palcos da cidade.

Ala 14 (damas) – Damas estrelas da noite

Alternando entre observar todo o ocorrido e participar das danças, as damas da corte, senhoras, marquesas, viscondessas e princesas, surgiam em toaletes elegantes e vultosas jóias, chamando a atenção pelo faiscar de suas pérolas e brilhantes. Eram luzentes como as estrelas.

Alegoria 3 – O grande baile do Bahia

O baile organizado nos salões do palacete desse membro da alta sociedade era descrito como ricamente adornado por luzes, lustres de cristal, candelabros de prata, pessoas elegantemente vestidas e muitas danças. Assim como nos demais salões de outros membros da corte, a música ia até altas horas da madrugada.

Setor IV – A festa das ruas

Enquanto a elite ia para os salões elegantes, o povo descia a ladeira para se divertir nas barracas, adquirir lembranças ou saber da sua sorte. Famílias se sentavam em suas varandas para ouvir a algazarra dos barbeiros e dos músicos de rua, enquanto aqueles que acreditavam na Rainha do Mar faziam seus jogos ou ofertavam flores para a santa, pois Nossa Senhora da Glória também é um dos nomes daquela.

Ala 15 – Quitutes

Em toda festa religiosa de caráter popular havia as barrquinhas que vendiam comidas diversas e sucos para os presentes. Entretanto, existiam também comerciantes avulsos ou filhos de santo que levavam seus quitutes para vender e aproveitavam da festa para professar sua fé sincrética.

Ala 16 – Objetos religiosos

Os reformistas também reclamaram contra as barracas, alegando que era um desvio do devido propósito da devoção e do serviço religioso para com a santa. A irmandade fez ouvidos moucos, e continuou a liberar tanto as de comida quanto as que vendiam objetos religiosos, como terços, bentinhos e medalhas.

Ala 17 (compositores) – Barbeiros

Em todas as festas e eventos religiosos do Rio era possível encontrar a figura dos barbeiros. Eram músicos, escravos ou forros, que formavam uma orquestra improvisada e eram contratados para ser a harmonia musical de grandes festas, como a Glória, a até mesmo missas menores.

Ala 18 – Tocata de violões

Além dos barbeiros, músicos vagavam nas ruas ou nos coretos enfeitados como seus violões. Para quem quisesse ouvir, haveria serenatas e serestas sob a luz do luar e das estrelas, seja na porta de casa ou em espaço aberto.

Ala 19 – Jogo de búzios

Filhos de santo, geralmente de Iemanjá, iam a Festa da Glória para prestar seu respeito e devoção. Ao mesmo tempo, montavam sua mesa para jogar os búzios ou o “baralho dos santos” para quem quisesse saber de sua sorte ou seu futuro. Pouco a pouco eles foram se tornando cada vez mais comuns na festa.

Ala 20 – Mar de flores

Era um costume dos fiéis comprar flores das barracas ou dos vendedores avulsos para ofertar à santa durante a oração. Com a presença cada vez maior do povo de santo, as flores passaram a servir de oferenda para Iemanjá. Um mar de coroas era visto pela Igreja e ruas próximas.

Alegoria 4 – Salve Rainha

A Festa da Glória perdura até os dias atuais, mesmo sem a força e a popularidade de outrora. Com o tempo, ela se tornou cada vez mais sincrética, atraindo muitos adeptos da umbanda e do candomblé. Independente do nome que se dê, a devoção à Nossa Senhora da Glória sempre teve adesão popular no Rio e ela sempre esteve nos braços do povo, seja como a santa que carrega o Menino Jesus ou seja como a Rainha do Mar. Tudo por entre flores e enfeites.

Referências

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. pp. 75-76.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da Cidade do Rio de Janeiro**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988. pp. 216-217.

MACHADO DE OLIVEIRA, Anderson José. A festa da glória. Festas, irmandades e resistência cultural no rio de janeiro imperial. **História Social**, [S. l.], v. 6, n. 7, p. 19–49, 2000. Disponível em: <<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/483>>. Acesso em: 22 de dez. de 2024.

MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de; SILVA, Marcos de Araújo. Revistando aproximações entre o dom da prece em Mauss a partir de referenciais cariocas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 6, p. 220-224, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/6239>>. Acesso em: 22 de dez. 2024.

MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. **Festas e tradições populares no Brasil**; com um prefácio de Sílvio Romero; desenhos de Flumen Junius. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. pp. 183-190.

PEIXOTO, Afrânio. **A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1943.